



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.755

VENTURAS E DESVENTURAS DA PRESERVAÇÃO DA IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS (SÃO PAULO/BRASIL)

Sandra C. A. Pelegrini
(PPH e MBP/UEM)

Resumo: Esta comunicação visa a apresentação dos resultados parciais de uma pesquisa sobre a igreja “Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos”, vinculada às atividades desenvolvidas no Centro de Estudos da Artes e do Patrimônio Cultural, da Universidade Estadual de Maringá (CEAPAC/UEM). O templo supracitado foi inicialmente erguido no Largo do Rosário por escravos, mulatos e alforriados, nas décadas iniciais do século XVIII, na então província de São Paulo/Brasil, mas acabou sendo demolido durante o advento da urbanização da cidade e reerguido no Largo do Paissandu, um logradouro mais afastado, contudo, ainda próximo do antigo lugar onde se situava. A relevância dessa investigação se justifica pela constatada força de resistência dos negros e expressa nessa igreja; por atestar os sentidos de pertença da comunidade que frequenta esse híbrido “lugar do sagrado”. A partir de tais argumentos e do universo conceitual e metodológico da História Cultural, interessa-nos abordar aqui como se deu o processo de edificação desse santuário; identificar as suas características arquitetônicas e seu atual estado de conservação; e também, observar se a sua preservação e salvaguarda conta com a colaboração do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), da Secretaria de Cultura de São Paulo (PMSP). Certo é que esse templo e seu entorno tornaram-se referências das tradições e práticas culturais afro-brasileiras no município.

Palavras-chave: Arte; História; Memórias; Patrimônio Cultural.

Introdução

Um modesta capela devotada à Virgem do Rosário foi erguida pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo, entre 1711 e 1721, em uma área limítrofe de São Paulo, então conhecida como vale do Anhangabaú. O crescimento das atividades econômicas e o aumento populacional nessa província, no decorrer do século XIX, transformou essa região periférica em um lugar movimentado e referencial para a realização de transações comerciais –

aspecto que culminou com a sua valorização, e conseqüente, especulação imobiliária.

Não ao acaso, Leonardo Arroyo (1966), um dos precursores dos estudos sobre as igrejas paulistas, sublinha que o acanhado santuário foi reconstruído por duas vezes: primeiro, quando a ermida foi transformada em um templo mais imponente executado em taipa de pilão¹, ainda pequeno se comparado com as igrejas frequentadas pelos homens brancos, mas com características estilísticas barrocas; e depois, no momento em que as adjacências do então Largo do Rosário passou por profundas transformações urbanísticas, entre as quais se incluem a ampliação das vias públicas que o circundavam, a demolição da igreja, a desapropriação do cemitério dos escravos e do casario antigo que abrigava parte da população pobre da cidade.

No início do século XX, mais precisamente em 1903, a Irmandade dos Homens Pretos de São Paulo, responsável pela igreja, enfrentou mais um desafio em sua trajetória, reuniu esforços para a edificação do novo santuário para santa de devoção dos seus membros no Largo Paissandu, onde permanece ativa até os dias atuais.

Francisco Nardy Filho (1936), em matéria publicada pelo jornal “O Estado de S. Paulo”, relata que, em 1721, os membros dessa Irmandade encaminharam uma petição ao rei de Portugal, solicitando “licença” para a construção do templo dedicado aos “mistérios do Rosário da Mãe de Deus”, contudo, suspeita que tal documento tenha desaparecido sem nunca ter chegado as mãos do monarca.

A despeito desse agravo, Marques Azevedo (1952, p. 240) menciona a existência da “licença canônica” concedida para confraria de negros, “em 2 de novembro de 1725”, e convite efetuado ao ermitão Domingos de Melo Tavares para que apadrinhasse a construção do templo em honra da Virgem do Rosário. Concomitantemente, a própria entidade se mobilizou para encaminhar ao Senado da Câmara, a solicitação de concessão oficial do terreno para esse fim. Em 10 de julho

¹ Cf. BAZIN (1983) e CORONA (1972), a “taipa de pilão” e a “taipa de mão” (ou “pau-a-pique), foram os sistemas técnicos mais utilizadas nas construções do período colonial brasileiro, em virtude da sua durabilidade e resistência, baixo custo e abundância de matéria prima (aroeira, barro vermelho), além da “relativa facilidade de execução”. Trata-se de prática “de origem mourisca praticada pelos portugueses e espanhóis desde tempos imemoriais, conhecida também pelos negros africanos” (VASCONCELOS, 1979, p. 21)

de 1728, esta atendeu ao que lhe fora requerido, desde que tais terras permanecessem a disposição daquela instituição política (SANTANA, 1950, p. 75).

Os documentos pesquisados por Arroyo, na Cúria Metropolitana de São Paulo, corroboram as informações supracitadas e ainda atestam o deslocamento do ermitão para as Minas Gerais com o intuito de angariar recursos, relatam a saga dos devotos negros em busca da “obtenção de provisão de ereção e instituição do templo” e da doação de móveis ou madeira, imagens de santos, tecidos, toalhas bordadas para adornar os altares, entre outros, pois a irmandade era deveras pobre, contava com o trabalho e a dedicação dos escravos e dos negros libertos (1966, p. 175).

O término das obras da Igreja do Rosário dos Homens Pretos foi finalmente comemorado em 1737, com a celebração de uma missa, seguida da tradicional festa de Congos, organizada a partir de um cortejo com passos e cantos, bailados dramáticos que representam a coroação de um rei e/ou de uma rainha negra, “embaixadas” e lutas simbólicas de espada (SECCO, 2015, p.1).

Expostas essas informações preliminares, consideramos necessário esclarecer que a crença nos poderes da Virgem do Rosário não se explica pela teoria da etnicidade, porque Nossa Senhora do Rosário era reconhecida como branca (LIMA, 2010, p. 320). É certo que ela e São Benedito foram os santos que suscitaram maior veneração entre os escravos nas colônias portuguesas, porém, como alegam alguns estudiosos, este fervor devocional não pode ser interpretado como fruto das construções identitárias pautadas pela cor da pele, tampouco como resultado do reconhecimento de mártires imolados pelas causas dos escravos. Assim sendo, asseveramos².

Além disso, a compreensão da dinâmica que cerca a cultura e as práticas religiosas afro-brasileiras envolveram complexas operações de resignificação e tradução que perpassaram experiências coletivas e individuais com o sagrado; mantidas vivas nas representações societárias que incluíam personagens como reis

² Nesse ranking, aparecem também São Elisbão, Santa Efigênia, Santo Antônio de Cartegerona, entre outros. Cf. Lima (2010), Oliveira (2008), Ramos (2007), Tirapeli (2005).

e rainhas, príncipes e princesas, figuras comuns às acepções “folclórico-religiosas” e ao patrimônio imaterial³.

Aliás, como bem o lembra, Ariane Lima:

As implicações do religioso nas relações sociais podem ser exemplificadas de forma clara nas Irmandades de devoção negra. Os escravos compartilhavam ritos, costumes e crenças que se recriavam em um universo simbólico peculiar (2010, p. 323).

Mais do que isso:

As festas e batuques em homenagem aos santos católicos evocavam sobremaneira as matrizes dos ritos africanos, o que evidencia uma forma de resistir à violência do cativo e reduzir a distância da terra natal (2010, p. 323).

As celebrações que envolviam brancos, negros e mulatos, homens livres e escravos, apesar da evidente hierarquização social, foram embriões do deslocamento das fronteiras culturais no Brasil e evidenciam quão fluidas são as relações entre os povos. No entanto, não podemos ignorar que, apesar da ampla disseminação das crenças católicas entre a população residente, os batuques e os folguedos continuaram animando as noites de festa e reverenciando as ancestralidades africanas e suas respectivas entidades religiosas (COMAR, 2008).

Posto isto, passaremos à análise da estética da Igreja Nossa Senhora do Rosário.

A arquitetura como aliada da pesquisa histórica

As fachadas das construções, sobretudo, das religiosas, apresentam variáveis decorativas no acabamento que nos permitem reconhecer características estilísticas arquitetônicas e inferir sobre a posição social dos seus beneméritos e demais fiéis. Tais aspectos explicam a simplicidade dos traços e do partido arquitetônico da antiga Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo (Capital). Logo, depreende-se que a riqueza dos detalhes e a quantidade de ornamentos podem simbólica ou literalmente representar indícios do prestígio social, da

³ Os festejos em honra do Divino Espírito Santo realizados em várias cidade brasileiras, como Pirenópolis (Goiás), São Luiz do Paraitinga (São Paulo) apenas para c (PELEGRINI, 2011).

faculdade da negociação política e do poder econômico dos segmentos sociais envolvidos nos exercícios devocionais.

A imagem atribuída a antiga Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (figura 1), erguida no então Largo do Rosário, notamos elementos característicos do estilo Barroco no campanário que abriga o sino e no frontão com base triangular, emoldurado por linhas curvas diretas e contracurvas, adornado com uma rosácea e sobreposto a três janelas rematadas com epistílios ou cimalkhas nichadas.



Figura 1: Antiga fachada da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (São Paulo, Capital) - s/ data e autoria
Fonte: (BRUNO, 1991, p. 787)

A análise dessa imagem nos permite detectar elementos da ambiência e algumas características arquitetônicas da edificação e seu entorno. As portas e janelas fechadas e a presença de poucos transeuntes e uma carroça com tração animal poderia nos induzir a afirmar que se trata de um dia tranquilo ou que a imagem foi registrada no horário da sesta? Por certo que sim, contudo não encontramos ainda argumentos que comprovem essas hipóteses.

Certo é que por força da Lei n. 698, de 24 de dezembro de 1903, esse local foi desapropriado, uma modesta indenização e a doação de um lote garantiram a reconstrução da Igreja no Largo do Paissandu⁴. Apesar dos protestos de alguns cidadãos paulistanos, a igreja foi reconstruída por trabalhadores negros, mobiliada pela comunidade e inaugurada em 22 de abril de 1908.

⁴ A área foi desapropriada e doada ao irmão do prefeito Antonio Prado que nesse lugar construiu um solar, conhecido como o Palacete Martinico Prado, onde foi instalado o Citybank e depois a Bolsa Mercantil e de Futuros.

Desde então se mantém no mesmo local⁵ e em pleno funcionamento, oferece celebrações diárias oficiadas por um sacerdote que segue o calendário litúrgico católico e, a cada dois meses, são realizadas missas especiais, nas quais a cultura afro-brasileira é reverenciada por meio de cânticos, de atabaques e de oferendas como pipoca, milho, feijão e batata doce. A Irmandade dos Homens Pretos de São Paulo continua seguindo sua vocação, ou seja, promove o acolhimento da população pobre e marginalizada da cidade e lhes oferece amparo espiritual, assistência social e psicológica.

O novo templo apresenta características distintas do anterior, resultantes da mistura de várias tendências estéticas e da combinação de elementos renascentistas, barrocos e neoclássicos, ajustadas às condições materiais e socioeconômicas do Brasil⁶. Na perspectiva de alguns autores, a edificação pode ser classificada como Eclética, uma vez que segue uma nova linguagem predominante no Brasil, entre meados do século XIX e as décadas iniciais do XX.



Figura 3: Fachada da igreja.
Fotografia com autoria desconhecida (CANTO, 2011)

⁵ Largo do Paissandu, s/nº – 01034-010 – Centro – São Paulo.

⁶ Trata-se da criação de uma nova linguagem que se aproxima do Historicismo, uma vez que visa a retomada de antigos estilos, busca recriá-los, sem abrir mão das tecnologias emergentes no século XIX como, por exemplo, a estruturação de “ferro forjado”.

No interior dessa igreja encontramos um acervo significativo de santos negros e brancos, vestidos com mantos bordados e tecidos coloridos. A detalhadas pinturas nas paredes e teto que chamam a atenção pela multiplicidade de formas, cores e texturas.



Figura 4. Imagem da nave central da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Largo do Paissandu (NASCIMENTO, 2015)

A conservação do interior da igreja está pouco comprometido em decorrência de infiltrações de água da chuva e da limpeza do piso, da oxidação e do desgaste natural das pinturas das colunas, paredes, teto, altares.



Figura 5: Detalhe coluna que sustenta a escada que leva ao púlpito do lado direito
Autoria: Sandra C. A. Pelegrini

Como podemos observar, a pintura dos rodapés, das colunas e das partes das paredes mais próximas do solo apresentam danos provocados pelo contato físico dos fiéis ou por colisões de móveis arrastados no momento da higienização do espaço. As colunas alinhadas aos bancos apresentam danificações dessa natureza, em especial, nos locais matizadas com tons de verde e castanho que imitam a aparência de mármore.

As paredes com infiltrações apresentam o seguinte aspecto:



Figura 6: Detalhe da pintura do alto da parede interna
Autoria: Sandra C. A. Pelegrini



Figura 7: Detalhe da pintura de uma das colunas internas
Autoria: Sandra C. A. Pelegrini

As paredes externas estão em bom estado de conservação, pois, recentemente, o projeto de revitalização do Largo Paissandu promovido pela Prefeitura Municipal de São Paulo, intitulado “Centro Aberto em expansão” incentivou a Irmandade dos Homens Pretos, guardiã dessa igreja, a recuperar a pintura.

Antes



Figura 9:
Autoria não identificada

Depois



Figura 10:
Autoria não identificada

Por meio desses registros fotográficos (Figuras 9 e 10) constatamos que o desenvolvimento do projeto “Centro Aberto em expansão” revitalizou a área do entorno do santuário e disponibilizou equipamentos urbanos como bancos, cadeiras, parque infantil. Com o intuito de atrair a população residente, os transeuntes ocasionais e incentivar o turismo foram construídos deques de madeira, onde é possível relaxar em cadeiras de praia e assistir apresentações artísticas.

Ainda assim, se faz necessário o desenvolvimento e a implantação de rampas que garantam a efetiva acessibilidade ao interior da Igreja e a adequação do local de queima de velas.



Figura 8: Vista Lateral esquerda do Largo Paissandu (PMSP) - 2013
Autoria não identificada

Considerações Finais

A devoção à Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos congregou aqueles que partilhavam da mesma crença e impulsionou a criação de irmandades em várias regiões do Brasil, desde os tempos da colonização. Elas tomaram para si a missão de erguer santuários em homenagem à referida santa e de abrigar homens e mulheres negras, proibidos de frequentar os mesmos espaços dedicados ao sagrado pelos brancos.

A incontestável força de resistência dos negros e o hibridismo religioso existente nesse “lugar do sagrado” pode ser tomado como uma referência às tradições e ao patrimônio afro-brasileiro. Regularmente, em todos os anos, no mês de outubro é realizada a “Festa do Rosário”, com missa solene, seguida de procissão pelas ruas do centro e do ritual de “troca das coroas do rei e da rainha, reminiscência dos reisados e congadas”.

Referências:

ARROYO, Leonardo. Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. In: **Igrejas de São Paulo**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1966.

AZEVEDO MARQUES, Manuel Eufrásio de. **Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1952.

BAZIN, Germain. **A arquitetura Religiosa Barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

BRUNO, Ernani Silva. Festas de Brancos e Negros. In: **História e Tradições da Cidade de São Paulo**. Vol. II. São Paulo: Hucitec, 1991.

CANCLÍNI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. Buenos Aires: Sudamericana, 1992.

CANTO, Claudia. 300 anos de história. A igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em pleno centro de São Paulo, é a terceira mais antiga do Brasil. Disponível em site: <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/160/artigo240617-1.asp/> Acesso: jul./2014

COMAR, Michelle. **Imagens de Ébano em Altares Barrocos**: as Irmandades Leigas de Negros em São Paulo (XVIII-XIX). (Dissertação) Mestrado em História, FFLCH/USP, 2008.

CORONA, Eduardo e LEMOS, Carlos A. C. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: Edart, 1972.

LIMA, Ariane dos Santos. Devoção negra nas irmandades católicas no Piauí do Século XIX. Pinheiro, A. P.; PELEGRINI, S. **Tempo, memória e patrimônio cultural**. Piauí: EUFS, 2010, p. 312 – 335.

MENEZES, Ivo Porto de. Os frontispícios na arquitetura religiosa em Minas Gerais. In: **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v.14 - n.15 - dezembro 2007, p.164-182.

NARDY FILHO, Francisco. **O Estado de S. Paulo**, 15 de março de 1936, s/p.

NASCIMENTO, Douglas. Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Disponível em site: <http://www.saopauloantiga.com.br/nsdorosario-dos-homens-pretos> Acesso em 21/01/2015.

OLIVEIRA, Anderson Jose Machado. **Devoção negra: Santos pretos e catequese no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Quarter; FAPERJ, 2008.

PMSP - Lei n. 698, de 24 de dezembro de 1903.

PELEGRINI, Sandra C. A. Tradições e Histórias Locais: as esperanças nas Bandeiras do Divino em São Luiz do Paraitinga (São Paulo/Brasil). **Patrimônio e Memória** (UNESP), v. 7, p. 231-256, 2011.

PINHEIRO, Áurea Paz; PELEGRINI, Sandra C. A. **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. Teresina: EDUPI, 2010.

RAMOS, Arthur. **O folclore negro do Brasil**: demopsicologia e psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Revista Afro, disponível em site: <http://www.revistaafro.com.br/destaques/nossa-senhora-do-rosarios-dos-homens-pretos-300-anos-de-historia-e-resistencia/> Acesso em 30/dez./2011.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro). **Estudos afro-asiáticos**, v. 17, 29-40, 1989.

SANTANA, Aderivaldo Ramos; GABARRA, Larissa Oliveira Artigo: Projeto A Cor da Cultura: Uma experiência de implementação da Lei nº 10.639/03. **Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG**. Vol. 4, n. 2, Ago./Dez 2012. p. 20 – 37 Disponível em site: <http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/pdfs/08.pdf> Acesso 15 ago. 2015

SANTANA, Nuto. **São Paulo Histórico**. Coleção do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal, São Paulo, 1937.

PMSP. **Documentário Histórico**, coleção do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal, São Paulo: 1950.

SECCO, Lincoln. Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo. **Revista P@rtes**. Disponível em site

<http://www.partes.com.br/igrejas/igreja17.html> Acesso em 10 mai. 2015

TIRAPELI, Percival (Org.). **Arte sacra: barroco memória viva**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/EDUNESP, 2005.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.